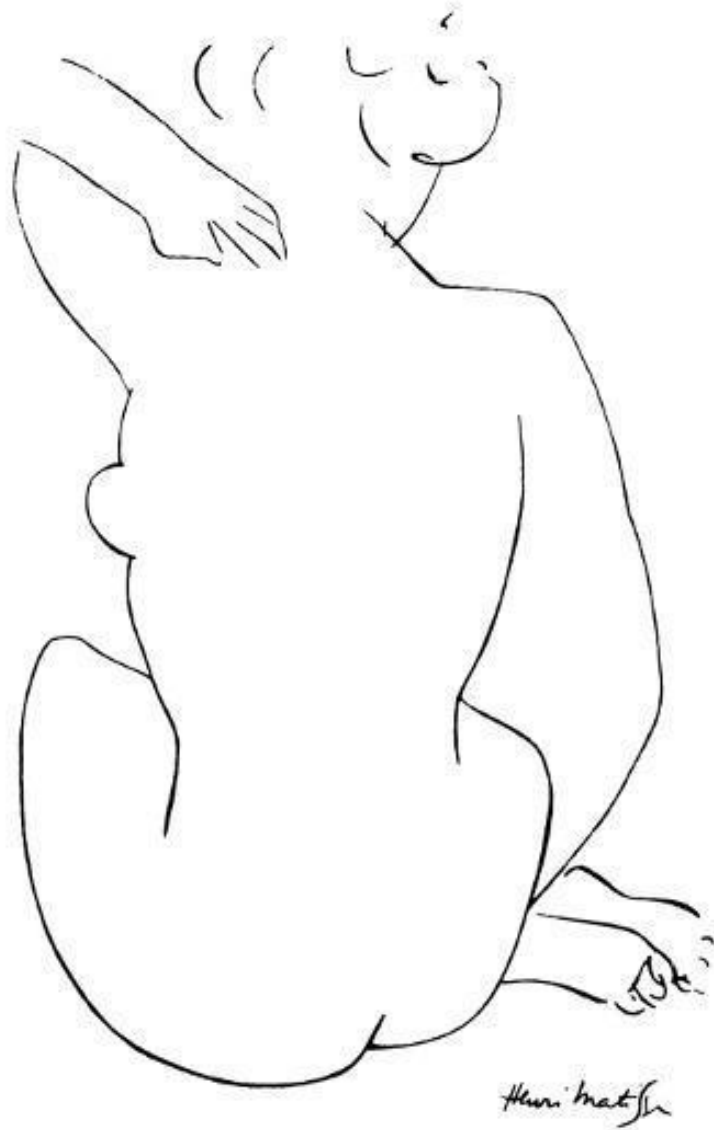


O QUE PODE UM CORPO TRANCADO?



Henri Matisse, 1869-1954.

I

De um dia para o outro as ruas despiram-se de gente e o antigo ruído de uma cidade impaciente e frenética foi rapidamente substituído pelo canto do melro. Estão vazios os cafés, estão vazias as esplanadas dos cafés e, claro, estão vazias as imponentes escadas que nos levam até à igreja do Bonfim. Casamentos ou funerais que outrora reuniam diferentes pessoas no mesmo espaço, ora para abraçar de alegria, ora para sofrer em companhia, são hoje inexistentes. Já não se comemora, já não se chora a perda de um ente. Banidos do espaço público, vemo-nos, assim, retidos no conforto do nosso lar. Aí ficamos: uns dias alegres e criativos, noutros aborrecidos e um tanto apáticos. Hoje cobiçamos o gato vadio que a seu bel-prazer corre as nossas ruas, ignorante dos perigos, limites ou barreiras existentes. Nuas, sem ambiente, assim estão as nossas ruas.

Presos a este bloco de cimento, perguntamos: o que pode este corpo retido e isolado? Trancado deseja-se livre, trancado não se compreende. Eis, de uma só vez, o mistério com que o corpo nos brinda: a nossa absoluta necessidade do mundo e das coisas que o constituem. Este – sem os seus habituais inquilinos – parece-nos uma casa arrumada, robusta e pojante. Concentremo-nos, então, nessa imagem, que a percorramos com os nossos olhos não em busca de uma imagem justa, como nos disse Godard, mas justamente em busca da imagem, e a conclusão a que chegamos é que entre nós e o mundo existe um laço que não podemos desatar. É do mundo que tudo nos provém e é por ele que existimos.

Poderá, enfim, todo este cenário estar a proceder a um comentário crítico à nossa civilização, sugerindo um abrandamento e, claro, uma nova atitude perante o mundo? Não sabemos, apenas nos ocorreu perguntar. Mas, qualquer que seja o ângulo adotado ou a área da casa escolhida, esta parece ser a meditação mais urgente.

II

Num conto publicado em 1914 encontramos, curiosamente, elementos de aproximação com a situação atual, isto é, com a ideia de uma sentença gravada no próprio corpo e só assim, mediante essa inscrição, possível de ser decifrada. Falamos do conto *Na Colônia Penal* de Franz Kafka, do qual destacamos a seguinte passagem: *o homem olhou para o condenado e perguntou ao oficial: o prisioneiro conhece a sua sentença? «Não» disse o oficial... seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne.* Naturalmente labiríntico e surreal, à maneira de Kafka, este conto gira em torno de um aparelho incomum cujo desígnio é abater e torturar. Porém, a novidade encontra-se no método apresentado: a inscrição do delito no corpo do condenado até à sua transfixão. Note-se que não é nosso propósito tomar este conto pela via da tortura e muito menos pela via da culpa, quanto a nós o caminho mais óbvio a ser percorrido. Mas, pelo contrário, como via de assunção a uma determinada experiência em resultado de uma leitura realizada e verdadeiramente sentida. É, portanto, este *atletismo afetivo*, este grito-sopro, esta relação com o corpo que pretendemos realçar.

O verbo experimentar, escolhido e aplicado por Kafka, traz consigo a ideia de um encontro fundamental, um encontro que se dá pela carne, isto é, pelo sentido, pelo vivido. É pela carne que se dá a procura de sentido e assim se percebe que qualquer que seja a vontade de construir, ‘carne’ e ‘ideia’ estão naturalmente envolvidas uma na outra. A questão é então de sentido. “Dar sentido para suportar. Suportar para poder sentir. Sentir para poder pensar” (Pereira, 2006, p. 56). De facto, o desdobramento desta trama mostramos que é esperado por parte do condenado uma tradução, uma interpretação, no momento exato em que lhe é aplicada a sua sentença. É este o processo inquietante a que Kafka nos remete, processo que necessariamente obriga a uma *sobre-atenção* ao sensível, ao invisível. E se múltiplos caminhos, a partir daqui, poderiam ser seguidos, um pareceu-nos assumir um estatuto privilegiado: esta celebração do corpo que comunica algo de quem fala e da sua perturbação. O corpo deixa, assim, de ser entendido como um simples reservatório daquilo que lhe acontece e passa a ser encarado como um corpo consciente que integra o mundo num sentido. Inscrita na nossa carne, a sentença é o meio pelo qual descosemos, rompemos, o tecido das palavras. É ela que nos abre a uma aprendizagem significativa da vida cujo manual escolar passa a ser a auscultação da própria pele.

Mas se está claro o motivo da nossa escolha em relação a Kafka e, em particular, a este conto, nem por isso está esclarecido o modo como pretendemos transportar este cenário para o agora, para o imediato. Com efeito, a questão que deve ser colocada é: de que sentença falamos e o que pode o nosso corpo?

Desde o dia treze de março que estamos confinados às nossas casas. A liberdade que outrora usufruíamos – marca de um *eu* – foi posta em suspenso. Uma liberdade pela qual desejamos sempre que dizemos «quero de volta a minha vida». Ao descrever esta situação vemo-nos forçados a recorrer a um vocabulário estranho e inusual, no mínimo contraditório em relação à imagem que temos de nós próprios. Das palavras mais comuns, destacam-se as seguintes: «confinado», «isolado», «preso» ou «retido». O peso destas palavras é enorme, elas inquietam-nos, interrogam-nos e nesse movimento ondular o nosso desejo é só um: sair o quanto antes deste (des)conforto que nos foi imposto. É, então, nesta tentativa penosa de descrever e explicitar o delírio destes dias que vemos ressurgir uma velha questão, a saber: qual a estrutura da nossa existência? Chegado este momento, nada nos resta senão tomar a nossa existência como uma pergunta.

Neste esforço de abertura, ressalta-nos uma imagem arcaica – a imagem de um *eu* sempre lançado, projetado, fixado no mundo. É nesta dupla invasão (própria de um *eu* e de um *tu*), nesta complexidade estrutural, que se consubstancia um entendimento total do ser humano. Tal significa que não há *eu* sem mundo, tal como não existe (ou não é concebível) um abismo sem as suas margens. Estamos no mundo, somos seres-para-o-mundo e é no mundo que nos conhecemos. ‘Eu’ e ‘Mundo’ são assim dois elementos que se unificam sem se confundirem inteiramente, duas realidades interligadas e entre as quais existe uma união dialética.

Dizia-nos M.-Ponty: o verdadeiro *cogito* não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza do mundo em pensamento do mundo e, enfim, não substitui o próprio mundo pela significação do mundo. Para o autor não restam dúvidas: nós somos do início ao fim relação com o mundo, estamos abertos ao mundo, comunicamo-nos indubitavelmente com ele, mas não o possuímos. Ele – mundo – é o meio natural e o campo de todos os nossos pensamentos e assim se percebe o porquê de M.-Ponty dizer que o mundo está à nossa volta e não à nossa frente. Nós vivemo-lo de dentro, estamos presos à sua textura e dele necessitamos para a nossa definição plena. É esta a forma de relacionamento radical com o mundo, marcada pela maior das tensões e das densidades que cada gesto, cada movimento, celebra. E é também

neste estranho sistema de trocas que o Homem se compreende, ele constrói-se em confusão e alcança-se, não na transparência de um impossível isolamento, mas no meio das coisas que passam a ser o seu anexo ou prolongamento.

Vê-se bem que o projeto de Merleau-Ponty configura-se como uma clara oposição ao pensar dicotômico e, portanto, a todas as cisões que classicamente foram estabelecidas entre sensível e inteligível, sentir e pensar, visível e invisível, próprias de um verbalismo conceptual que dissimula e esquece o solo das suas origens. Com efeito, se há algum propósito que podemos salientar em M.-Ponty é justamente a reformulação de uma filosofia clássica que, norteadada pelo ideal da certeza, se pôs à margem dos estratos mais arcaicos da realidade. Um bom exemplo dessa fuga é justamente a dióptrica de Descartes, entendida por Ponty como “(...) o breviário de um pensamento que não se quer mais assombrar no visível” (Ponty, 2015, p. 33). Vale a pena, por isso, recordar o seu projeto.

O conjunto das *Meditações Metafísicas* pode ser lido como uma aquisição progressiva de uma certeza absoluta e o seu ponto de partida é justamente a suspensão do juízo. Este retiro solitário do qual Descartes parte, esta necessidade de ausentar-se da memória de pensar, corresponde inicialmente à parte negativa ou destrutiva do seu pensamento, mas é também a partir dele que Descartes prepara o caminho para a parte construtiva da sua filosofia, em que os seus aparentes resultados céticos serão, como sabemos, superados. A primeira questão que deve ser colocada é: qual o proveito de uma dúvida tão geral e tão pouco natural? E a resposta é: a primeira verdade, a única que não depende de nenhuma outra e que, necessariamente, toda a verdade dela dependerá. Numa só palavra: o primeiro princípio da filosofia, a saber, «penso (duvido), logo existo»¹. Note-se que a dúvida não é aqui entendida como uma simples interrogação, mas a experiência de que um «eu» duvida. Como disse Meyer: duvidar é então não só pensar mas saber e pensar que se pensa.

Esta primeira verdade não é suficiente para assegurar Descartes de que tem um corpo, nem da veracidade das suas experiências percetivas, na medida em que pode imaginar-se sem corpo sem que isso implique a sua inexistência. Por ser assim, conclui que é essencialmente uma substância cuja essência ou natureza é unicamente pensar “(...) e que, para existir não precisa de nenhum lugar nem depende de coisa alguma material”

¹ Do latim: *Ergo sum, ergo existo*. Trata-se de algo que é necessariamente verdadeiro cada vez que tal frase é pensada ou pronunciada no espírito de cada um. “O que é que o meditador não consegue pensar? Ele não consegue pensar que não existe, é este o limite da possibilidade pensada” (Miguens, 2009, p. 20). Trata-se, portanto, de uma certeza evidente mas ainda assim subjetiva.

(Descartes, 2017, p. 77). De maneira que esse «eu», isto é, essa mente ou alma imaterial, existe independentemente do corpo e é de natureza inteiramente distinta. Mas o que nos diz Descartes sobre o corpo? O corpo das *Meditações* define-se, essencialmente, como extensão, sustentando assim a ideia de um corpo máquina cuja sensibilidade é o que o pensamento deve, em esforço, superar. Com Descartes assistimos a uma celebração da consciência, a absoluta certeza de mim para mim, como a condição sem qual não há absolutamente nada. Já o mundo é, nesta ordem de ideias, pensamento, representação².

A posição cartesiana, em muitos aspetos, já havia sido antecipada pela filosofia platónica. Porém, é apenas na modernidade que vemos consolidada a noção de *homo philosophicus*: a imagem de um Homem inteiramente livre, independente, fechado em si mesmo e que é por *dentro* autossuficiente. Ora, é perante este hino ao sujeito que M.-Ponty seguirá em contramão, substituindo-o pelo deslumbramento e meditação em torno do corpo humano. Contra Descartes, M.-Ponty procurará reivindicar e reconquistar o espaço/lugar do corpo na vida, indicando a reflexividade – que durante gerações foi considerada um apanágio da consciência – como um atributo do corpo. De um corpo máquina, corpo objeto, apresentado por Descartes e remetido para segundo plano, passamos para a ideia de um corpo próprio, um corpo cognoscente que afinal é encarnado de reflexão.

Mas qual a relação entre o *eu* e o corpo e o contacto com as coisas? Diz-nos M.-Ponty: há uma relação do meu corpo consigo próprio que o transforma no *vinculum* de cada *eu* com as coisas. O *eu* é assim corpo, sujeito corporizado que se envolve com o mundo através dessa estrutura. É esta a nova forma de compreender o corpo: *coisa sentinte* a partir da qual cada um de nós se experimenta a si próprio, o outro e o mundo.

Da obra *O olho e o espírito* destaca-se a seguinte passagem: “Um corpo humano está aí, entre vidente e visível, entre aquele que toca e que é tocado, entre um e o outro, entre a mão e mão acontece uma espécie de recruzamento” (Ponty, 2015, p. 22). É a partir destas interceções, destas capturas, que se dá à reflexão aquele que se vê vendo, aquele que se toca tocando e, portanto, a absoluta certeza de mim e do mundo. A consciência perceptiva é assim uma consciência incarnada (num corpo) que realiza o jogo da reflexividade. Há aqui um género de ser único em que sujeito e objeto se articulam, se implicam mutuamente. Para M.-Ponty todo e qualquer tipo de conhecimento inicia-se e

² Uma posição que, em linguagem contemporânea, poder-se-á apelar de realismo indireto.

viverá de um facto inaugural que só é possível no e pelo sensível e que se postula como: «eu senti». (Castro, 2008) Com efeito, o corpo já não é um outro, um extra, ele é, isso sim, a nossa interface com o mundo. “É mediante o corpo que somos mundo e é mediante o corpo que o mundo é em nós ou em nós ecoa” (André, 2017, p. 1). Logo, mais do que dizer «eu tenho um corpo» devemos dizer «eu sou o meu corpo». Mundo e corpo compõem realidades inseparáveis, formam um sistema em que um não é exterior ao outro.

No horizonte do que atrás foi dito, conclui-se que Merleau-Ponty faz surgir consigo um novo *cogito*. Um *cogito* que, ao contrário do de Descartes, compromete-nos essencialmente no mundo e que em vez de prescindir do corpo implica-o necessariamente. É, então, ante esta celebração do corpo, este deslumbramento face ao sensível, esta união corpo-mundo, sensível e inteligível, que encontramos elementos de aproximação com o conto de Franz Kafka. Acreditamos que à semelhança do que nos diz Kafka há algo que pode ser lido entre estas quatro paredes, algo que o nosso corpo sussurra, balança e revela.

Começámos por nos definir como sujeitos para o mundo sendo esta a nossa constituição fundamental e, portanto, a nossa essência. Mas definindo-nos assim algo se desvela: a nossa subordinação e dependência face ao mundo. Ser-para-o-mundo significa, portanto, ser por ele comandado e por ele modelado, em que as suas limitações passam a ser também as nossas. Estaremos todos de acordo ao afirmar que esta não é uma ideia nova. Mas se até ao momento era discutida em abstrato, hoje sentimos-na na pele. É neste isolamento, nesta rutura com certos hábitos, que nos ligamos novamente ao mundo; não em sentido superior ou independente, mas como alguém que dele necessita para firmar a imagem que tem de si mesmo.

O quadro que, hoje, se pinta assevera duas coisas: primeiramente, que o mundo não existe apenas para nos acolher; em segundo, que o céu não tem superfície e é inatingível. Quanto à pergunta «o que pode um corpo trancado?», a nossa resposta é: pode decidir como ao mundo deseja voltar e nele permanecer. O importante, como diz M.-Ponty, não será a posse intelectual do mundo ou o domínio sobre a vida, mas antes o desapossamento ou o acolhimento da nossa articulação mais profunda com ele.

Bibliografia

André, M. J. (2004). “A dor, as suas encenações e o processo criativo”. Acedido a 10 de abril, disponível em: <https://docplayer.com.br/54151508-A-dor-as-suas-encenacoes-e-o-processo-criativo.html>.

Caminha, O. & Gomes, J. (2017). “Do corpo como res extensa de Descartes ao corpo próprio de Merleau-Ponty”. Acedido a 20 de abril de 2020, disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/5559>

Castro, P. A. (2008). “A onto-fenomenologia do mundo em Merleau-Ponty ou o (im)pensado de Husserl – uma proposta de leitura a partir de o filósofo e sua Sombra”. Acedido a 15 de abril de 2020, disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200004

Descartes, R. (2003). *Meditações Metafísicas*. Porto: Rés-Editora.

Descartes, R. (2017). *Discurso do Método*. Lisboa: Levoir.

Kafka, F. (1996). *Na Colónia Penal*. São Paulo: Paz e Terra.

Merleau-Ponty, M. (1999). *A Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Merleau-Ponty, M. (2015). *O olho e o espírito*. Lisboa: Passagens.

Miguens, S. (2009). *Compreender a Mente e o Corpo*. Acedido a 28 de março de 2020, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/358990807/compreender-a-mente-pdf>

Nunes, A. (2017). “O racionalismo de Descartes”. Acedido a 25 de março de 2020, disponível em: https://criticanarede.com/his_descartes.html

Pereira, P. C. (2006). *Do Sentir e do Pensar*. Porto: Edições Afrontamento.